



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Área temática: Sociologia da Educação

Entre ciganos e *paillos* ¹: representações em contexto escolar

Between gypsies and *paillos*: representations in school context

TOMÉ, Maria da Conceição. Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, Repeses, Viseu, Portugal; Universidade Aberta - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Lisboa, Portugal; mconceicao.tome@aeidh.pt

CARVALHO, Anabela. Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, Repeses, Viseu, Portugal; anabela.carvalho@aeidh.pt

Resumo

O projeto Ser+ Cidadão, em implementação no Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, tem como objetivos promover as literacias e o sucesso escolar dos alunos de etnia cigana bem como o diálogo intercultural. Neste artigo, apresentam-se os resultados de um estudo realizado junto de alunos do 2.º e 3.º ciclos com o objetivo de conhecer as representações dos alunos ciganos em relação aos não-ciganos, e vice-versa. Para além de se analisarem as auto e as heterorrepresentações e as formas de interação e de sociabilidade entre os dois grupos, reflete-se sobre o papel das famílias na manutenção de preconceitos e estereótipos. Por outro lado, analisam-se as alterações nessas representações e na interação entre os alunos, numa tentativa de tirar ilações sobre o impacto das atividades do Projeto Ser+ Cidadão, na desconstrução de preconceitos, na alteração de atitudes ciganofóbicas, bem como na melhoria do relacionamento entre alunos de culturas diferentes.

Abstract

The Ser + Cidadão project, which is being implemented in the Infante D. Henrique School Grouping, aims to promote the literacy and academic success of Roma students as well as intercultural dialogue. In this article, we present the results of a study carried out with middle school students in order to know the representations of the Roma ones in relation to non-Roma, and vice versa. In addition to analyzing the self and the heterorepresentations, and the forms of interaction and sociability between the two groups, the role of families in the maintenance of prejudice and stereotypes is also considered. On the other hand, we analyze the changes in these representations and in the interaction among the students, in an attempt to draw conclusions about the impact of the activities of the Ser + Cidadão Project in the the deconstruction of prejudice, the alteration of gypsiphobic attitudes, as well as the improvement of the relationship between students from different cultures.

Palavras-chave - etnia cigana; representações; interculturalidade; inclusão.

Keywords - gypsies; representations; interculturality; inclusion.

XAPS-24255

Introdução

Integrada num quadro europeu de políticas públicas relativas à integração das comunidades ciganas, foi aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 25/2013, publicada no DR 1.ª série, de 17 de abril, a Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (ENICC). Este documento reconhece as dificuldades de integração e marginalização desta comunidade e visa constituir-se como o ponto de partida para uma coesão social respeitadora da diversidade cultural, que promova a igualdade de oportunidades.

Através do reforço do diálogo intercultural, da promoção da educação, da cultura e da cidadania e do apoio à capacitação, a ENIIC pretende orientar o desenvolvimento de um conjunto de atividades direcionadas para a promoção e integração social dos ciganos, em articulação com entidades com responsabilidade nesta área, nos domínios da educação, habitação, emprego, formação e saúde.

Como comprovam numerosos estudos, a integração dos cidadãos ciganos na sociedade portuguesa (Bastos, 2012; Costa, 1995; Marques, 2013; Mendes, 2013; Mendes, Magano, e Candeias, 2014; Nicolau, 2010; Silva e Silva, 2011) é dificultada pelas imagens e representações negativas cristalizadas sendo urgente ultrapassar a desconfiança mútua existente entre a comunidade maioritária e a minoria cigana. Com efeito, apesar de o povo cigano estar presente em Portugal há mais de quinhentos anos (Costa, 1995) a inclusão social da população cigana continua comprometida por dificuldades relacionadas com o exercício pleno da cidadania, por processos de estigmatização e de segregação socioétnica e por relações sociais discriminatórias (Mendes e Magano, 2013).

Como pode ler-se na ENIIC, as representações feitas de preconceitos e estereótipos são determinantes nas atitudes para com estes portugueses, tendo-se constituído uma reserva de representações, mais ou menos sedimentadas, que vão desde a simpatia romântica ligada ao folclore até aos aspetos mais negativos reativados pela força das imagens criadas. Considera-se prioritária a promoção do combate à discriminação e a sensibilização da opinião pública, divulgando-se e valorizando-se a cultura cigana por um lado, e, por outro, desconstruindo-se os preconceitos que perturbam a comunicação e dificultam a aproximação entre ciganos e não ciganos.

Moscovici (2009, p. 653) refere que os estereótipos constituem um modo de conhecimento com função de opor os “semelhantes” preferidos aos diferentes “desprezíveis”, de distinguir aqueles que não são como nós. Relembre-se que, em Portugal, desde 1526, com o Alvará de 13 de março, do tempo de D. João III, foram promulgadas sucessivas leis repressivas com vista à expulsão ou eliminação destes cidadãos (Costa, 1995). De acordo com diversos investigadores, assistimos em Portugal, na atualidade, a uma acentuação de estereótipos negativos sobre a comunidade cigana, uma ciganofobia crescente e generalizada, que expressa a exclusão/rejeição destas comunidades por parte da sociedade maioritária (Bastos, 2012; Silva e Silva, 2011).

As generalizações abusivas, a partir de casos particulares e situações pontuais, são frequentes, não parecendo constituir o nosso país uma exceção no quadro das atitudes e comportamentos racistas que são observáveis por toda a Europa, sendo os portugueses ciganos vítimas de uma violenta rejeição e confrontados com um racismo de contornos diferencialistas (Marques, 2007, p. 19).

Como se sublinha no Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas (Mendes, Magano e Candeias, 2014, p. 12), a inexistência de reconhecimento dos ciganos, ou até o seu incorreto conhecimento, refletem-se em imagens limitativas, deformadas, de inferiorização e desprezo, afetando e restringindo negativamente a vida destas pessoas. Tal como parece ter acontecido nas últimas décadas, “A distância social existente entre os ciganos e os não ciganos é aprofundada e consolidada por um abismo onde se conjuga o desconhecimento, a mitificação e o medo” (Duarte et al., 2005, p. 129), levando este desconhecimento a atitudes preconceituosas e a práticas discriminatórias que originam estratégias de evitamento e de afastamento em relação a estes cidadãos portugueses. Em suma, como reforçam Silva e Silva (2011), os preconceitos, os estereótipos e as representações sociais negativas bloqueiam a comunicação entre as minorias étnicas e a sociedade maioritária e contribuem para a incompreensão mútua, sendo urgente descrystalizar estas imagens.

Enquadramento

Frequentam o Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, Repeses, Viseu, (dados relativos ao ano letivo 2017-2018) 160 alunos de etnia cigana. Dos 56 alunos ciganos do 2.º e 3.º ciclos que frequentam o agrupamento, 62,5 % dos alunos (35 alunos)

estudam na Escola Básica D. Luís de Loureiro e são provenientes dos acampamentos localizados nas freguesias de S. João de Lourosa e de Silgueiros.

O agrupamento tem vindo a promover, nos últimos anos letivos, diversas iniciativas e projetos para dar resposta a diversas questões, nomeadamente a assiduidade e o abandono escolar dos alunos de etnia cigana, as reduzidas expectativas destes em relação à escola, a educação e formação de adultos de etnia cigana, o desconhecimento da história e cultura ciganas por parte da sociedade maioritária, entre outros. Destacam-se os projetos *A Escola e a Diversidade Cultural*ⁱⁱ e o Projeto *Ser+ Cidadão*ⁱⁱⁱ, como tivemos oportunidade de demonstrar noutra lugar (Tomé et al., 2016).

O projeto *Ser+ Cidadão*, que surge a partir da biblioteca D. Luís de Loureiro e é apoiado pela Rede de Bibliotecas Escolares no âmbito da candidatura *Ideias com Mérito – 2015*, assenta em dois eixos centrais: a promoção das literacias e do sucesso escolar dos alunos ciganos (jovens entre os 10 e os 17 anos e adultos) e a implementação de atividades no âmbito da educação intercultural, envolvendo toda a comunidade educativa, na tentativa de promover a valorização da diversidade cultural e a desconstrução de preconceitos e estereótipos.

Cumprindo objetivos presentes em documentos referenciais, nomeadamente a Declaração para a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002) e o Manifesto da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Multicultural (IFLA/UNESCO, 2009), a biblioteca D. Luís de Loureiro promove, com o *Projeto Ser+ Cidadão*, a valorização da diversidade cultural e o respeito entre cidadãos de distintas origens étnicas, culturais, e religiosas, envolvendo todos os alunos do 2.º e 3.º ciclos da Escola Básica D. Luís de Loureiro, bem como os pais/encarregados de Educação, professores e assistentes operacionais do Agrupamento.

Partindo do compromisso com os direitos humanos fundamentais e a igualdade de acesso à informação, no respeito pela identidade e pelos valores culturais, em colaboração com outras estruturas educativas, a biblioteca D. Luís de Loureiro pretende, com este projeto: promover o respeito pela diversidade cultural e o diálogo intercultural; apoiar a inclusão e a participação de grupos de diferentes origens culturais; promover as literacias (da leitura e da informação) e o domínio das tecnologias da informação e comunicação.

Para além de atividades no âmbito da promoção e desenvolvimento de literacias (leitura, digital e de informação), a biblioteca D. Luís de Loureiro tem vindo a realizar as atividades “Celebrar a Diversidade Cultural” e “Encontrar o Outro nos livros”, em

colaboração com diferentes disciplinas. Estas atividades têm com os objetivos principais promover a reflexão conjunta sobre a riqueza da diversidade cultural e o conhecimento de aspetos de outras culturas, visando-se a desconstrução de preconceitos/estereótipos e a promoção do diálogo positivo entre diferentes grupos culturais, a partir da leitura de textos literários de potencial receção infantil e juvenil.

Têm vindo também a ser realizadas sessões formativas na área da interculturalidade e da história e cultura ciganas, em parceria com diversas instituições (Universidades do Minho e Universidade de Coimbra, Alto Comissariado para as Migrações, Câmara Municipal de Viseu, Associação Letras Nómadas, Rede Europeia Anti-Pobreza...), para professores, assistentes operacionais, alunos e Pais/ Encarregados de Educação. Para além de proporcionarem conhecimento sobre outras culturas, constituíram-se como momentos de reflexão sobre atitudes e comportamentos que não favorecem a inclusão social dos cidadãos portugueses de etnia cigana, desconstruindo preconceitos e estereótipos, promovendo o diálogo intercultural e formando para a cidadania ativa e comprometida.

Neste artigo, apresentam-se os resultados de um estudo realizado no âmbito do projeto acima referido, junto de alunos do 2.º e 3.º ciclos da Escola Básica D. Luís de Loureiro, Silgueiros. O estudo visou conhecer as representações dos alunos ciganos em relação aos não-ciganos, e vice-versa, tendo os dados sido recolhidos através de um inquérito por questionário, em 2015 e em 2017. Para além de se analisarem as auto e as heterorrepresentações e as formas de interação e de sociabilidade entre os dois grupos, reflete-se sobre o papel das famílias na manutenção de preconceitos e estereótipos. Por outro lado, analisam-se as alterações nessas representações e na interação entre os alunos, numa tentativa de tirar ilações sobre o impacto das atividades *do Projeto Ser+ Cidadão*, na desconstrução de preconceitos, na alteração de atitudes ciganofóbicas, bem como na melhoria do relacionamento entre alunos de culturas diferentes.

Metodologia

Participantes

Participaram neste estudo a quase totalidade dos alunos que frequentavam o 2.º e 3.º ciclos na Escola Básica D. Luís de Loureiro nos anos letivos de 2014-2015 e 2016-2017 (N=195 e N=165, respetivamente) (cf. Tabela 1). Em cada ano letivo, no total de

participantes, havia um grupo de alunos de etnia cigana, sendo 23 em 2014/15 (correspondendo a 11,8% da amostra) e 26 em 2016/17 (15,8% dos inquiridos). Esses alunos encontravam-se distribuídos pelos diferentes anos letivos, com predomínio do 2.º ciclo tanto em 2014/2015 (n=17) como em 2016/2017 (n=15).

Tabela 1- Alunos participantes no estudo por ano letivo

		<i>Ano letivo</i>			
		2014/2015		2016/2017	
		N	%	N	%
<i>Sexo</i>	masculino	100	51,3%	67	40,6%
	feminino	95	48,7%	98	59,4%
<i>Ano de escolaridade</i>	5.º	42	21,6%	36	21,8%
	6.º	33	16,9%	27	16,4%
	7.º	41	21,0%	23	13,9%
	8.º	37	19,0%	46	27,9%
	9.º	42	21,5%	33	20%
<i>Total</i>		<i>195</i>	<i>100,0%</i>	<i>165</i>	<i>100,0%</i>

Procedimentos e Instrumento

Como instrumento de recolha de dados foi utilizado um inquérito por questionário construído para o efeito, tendo sido aplicado em maio de 2015 e em maio de 2017, em contexto de sala de aula, após recolha dos consentimentos informados. Este questionário abrangia sete dimensões para além dos dados sociodemográficos (cf. Tabela 2), tendo sido construídas duas versões: uma versão para alunos não ciganos e outra para alunos de etnia cigana.

Ambas as versões tinham trinta e nove questões, com diferentes tipos de resposta (seleção, escolha múltipla e resposta aberta). Foram realizados ajustamentos na formulação de algumas questões, adequando-as a cada grupo de alunos (ex.: Q6- *Os teus pais/a tua família dizem que os ciganos são.../ Os teus pais/a tua família dizem que os não ciganos são...*).

Tabela 2- Dimensões, número de questões e exemplos de questões do questionário

Dimensão	Nº de questões	Exemplos de questões
Características sociodemográficas	5	Idade, sexo, ano, turma, freguesia de residência
Gosto pela escola e opinião sobre a mesma	3	Gosto pela escola; o que mais/menos gosta na escola; o que mudava na sua escola.
Perceção acerca das pessoas de outra etnia	4	Escolha de atributos/características da sua etnia; Escolha de atributos/características dos colegas de outro grupo/etnia; O que os pais/família dizem dos alunos do outro grupo/etnia.
Atitude/comportamento na escola perante os outros alunos	4	Com quem convive; Qualidade dos relacionamentos; O que os pais/família dizem para fazer acerca dos colegas de outro grupo/etnia.
Conhecimento acerca dos costumes/tradições do outro grupo	2	Conhece algum costume/tradição e com quem os aprendeu.
Experiências negativas e testemunho de atitudes discriminatórias	6	Existência de experiência negativa/problema com um colega cigano/não cigano; Testemunhar situações de discriminação de um colega cigano
Perceção de igualdade/discriminação dos alunos ciganos na escola	10	Ex: “ <i>Os alunos ciganos podem ser tão bons alunos como os alunos não ciganos</i> ”
Perceção de diferenças de comportamento na escola por parte dos alunos ciganos	5	Ex: “ <i>Os alunos ciganos perturbam as aulas tanto como os alunos não ciganos</i> ”.

Na elaboração do questionário, de modo particular na listagem de atributos/características dos alunos ciganos e não ciganos, utilizámos como ponto de partida o trabalho realizado por Silva, Sobral e Ramos (2008).

No tratamento estatístico dos dados apresentados foi utilizado o programa IBM-SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, versão 20.0, tendo-se recorrido a estatística descritiva (frequências absolutas, médias e desvios padrão), mas também inferencial (teste *t* de *student* para amostras emparelhadas) na análise das variações das frequências médias das atribuições positivas e negativas nos dois anos do estudo.

Apresentação de Resultados e Discussão

Neste artigo cingir-nos-emos aos dados que nos permitam verificar as eventuais mudanças operadas nas atribuições dos alunos ciganos e não ciganos após dois anos de

implementação do Projeto *Ser+ Cidadão*. Assim, focaremos de forma particular os resultados referentes às percepções dos alunos relativamente ao seu grupo/sua etnia e às que têm acerca dos colegas do outro grupo/etnia. Para além disso, interessa também conhecer o discurso das famílias sobre os alunos do outro grupo/etnia, bem como as eventuais mudanças. Sabendo que a existência de situações discriminatórias é um indicador do clima de escola acerca da aceitação de alunos ciganos, iremos ainda analisar os dados relativos aos conflitos entre alunos ciganos e não ciganos nestes dois anos letivos.

Autoatribuições/autorrepresentações

No que se refere às características positivas e negativas que os alunos escolhem como estando presentes no grupo cultural a que pertencem, em 2014-15, os alunos ciganos referiam de forma predominante as características *Alegres* (95,7%), *Amigos* e *Respeitadores dos mais velhos* (82,6%) e *Orgulhosos* (78,3%), veiculando, de algum modo, os valores da sua cultura. Nas características negativas predominavam *Impulsivos* (69,6%), *Vingativos* (60,9%) e *Ameaçadores* (47,8%). Dois anos mais tarde continuam a referir serem *Alegres* e *Amigos* (100%) e *Orgulhosos* e *Respeitadores da Lei* (100%), mas também *Impulsivos* (55,6%), *Preguiçosos* (37%) e *Vingativos* (25,9%). É pertinente sublinhar, no que diz respeito às características negativas, o facto de surgirem, com grande relevância, tendo em conta o número de respostas, atributos como *ameaçadores* ou *vingativos*. Podemos colocar como hipótese, tal como sublinham Silva e Silva (2011), que os ciganos parecem utilizar características do retrato estereotipado que deles faz a sociedade maioritária. No entanto, é importante salientar que, em geral, os alunos ciganos, no segundo ano do estudo, relativamente a si próprios, apontam mais características positivas e menos características negativas parecendo ter havido uma melhoria da sua imagem enquanto grupo, com reforço das competências positivas.

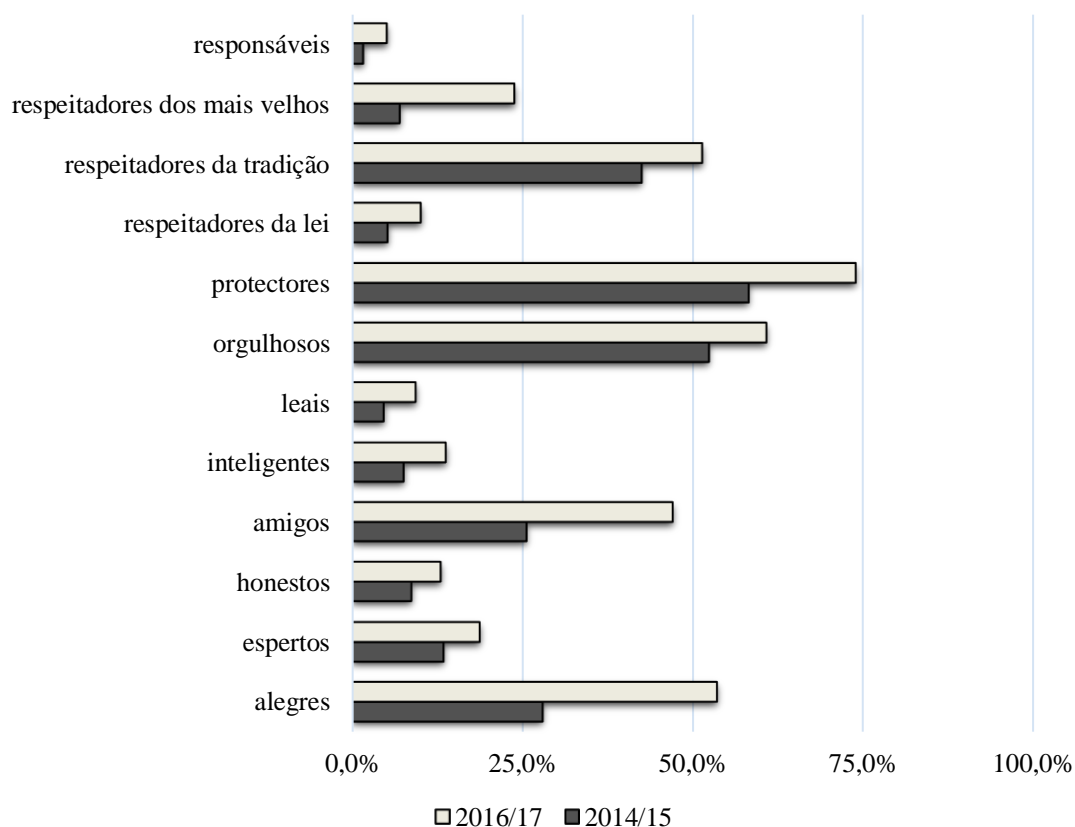
Em 2014/15, os alunos não ciganos consideravam-se *Alegres* (95,3%), *Amigos* (87,2%), *Responsáveis* (76,2%) e *Respeitadores da Lei* (71,5%), embora *Preguiçosos* (37,2%), *Invejosos* (20,3%) e *Impulsivos* (19,2%). Em 2016/17, na escolha dos alunos não ciganos não se registaram mudanças relevantes, pois mantinham-se como mais prevalentes as características *Alegres* (94,2%), *Amigos* (89,9%) e *Responsáveis* (68,1%), bem como *Preguiçosos* (51,4%), *Mentirosos* (29,7%) e *Invejosos* (26,8%). Comparando as taxas de atribuições nos dois anos do estudo neste grupo de alunos (não

ciganos) verifica-se que as variações são menores, com uma ligeira diminuição na frequência de escolha de atributos positivos e um ligeiro aumento de atributos negativos.

Atribuições dos alunos não ciganos relativamente aos seus colegas de etnia cigana

Em 2014/15, as características positivas mais vezes apontadas pelos não ciganos relativamente aos seus colegas de etnia cigana são *Protetores* (58,1%), *Orgulhosos* (52,3%) e *Respeitadores da Tradição* (42,4%). Em 2016/17, a opinião dos alunos não ciganos sobre os colegas ciganos tinha melhorado, pois verificou-se um aumento da frequência de identificação de características positivas, sobressaindo os atributos *Protetores* (73,9%), *Orgulhosos* (60,9%) e *Alegres* (53,6%) (cf. Figura 1).

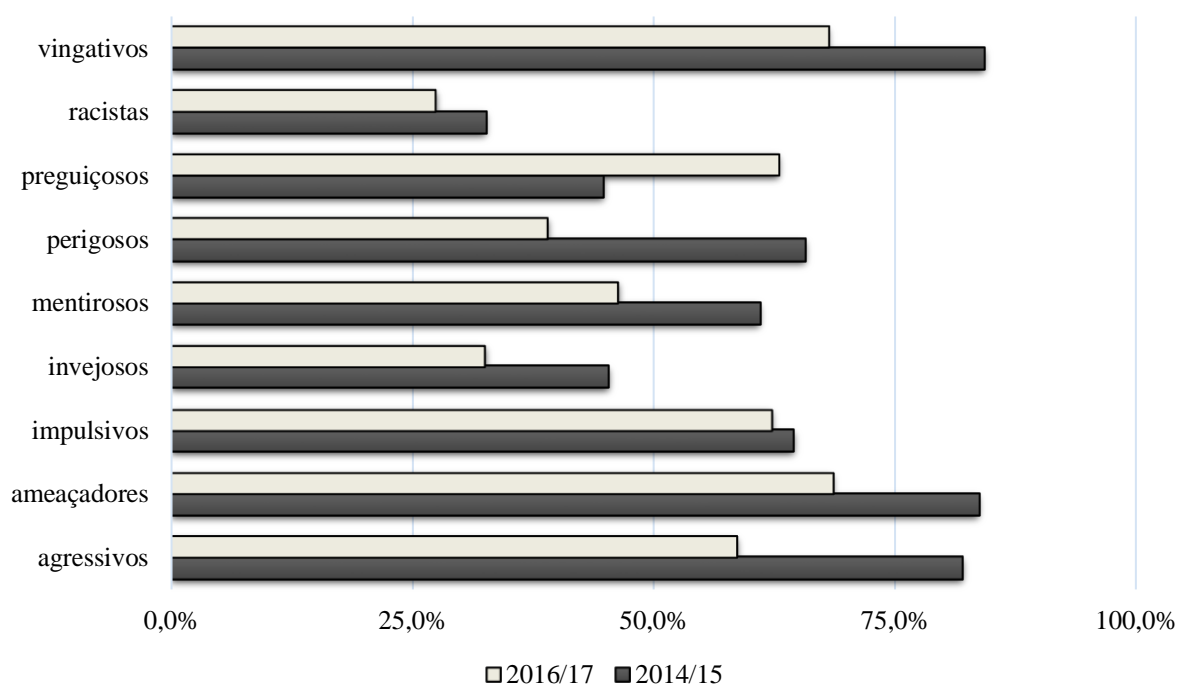
Figura 1- Atribuições positivas aos alunos ciganos pelos seus colegas não ciganos nos dois anos letivos



No que se refere às características negativas atribuídas aos alunos de etnia cigana pelos não ciganos (cf. Figura 2), em 2014/15, predominavam os epítetos *Vingativos*

(84,3%), *Ameaçadores* (83,7%) e *Agressivos* (82%). Dois anos depois, de uma forma geral, diminuíram as taxas de atribuição, com exceção da característica *Preguiçosos* que aumentou. Neste ano predominavam as características *Ameaçadores* (68,6%), *Vingativos* (68,1%) e *Preguiçosos* (63%).

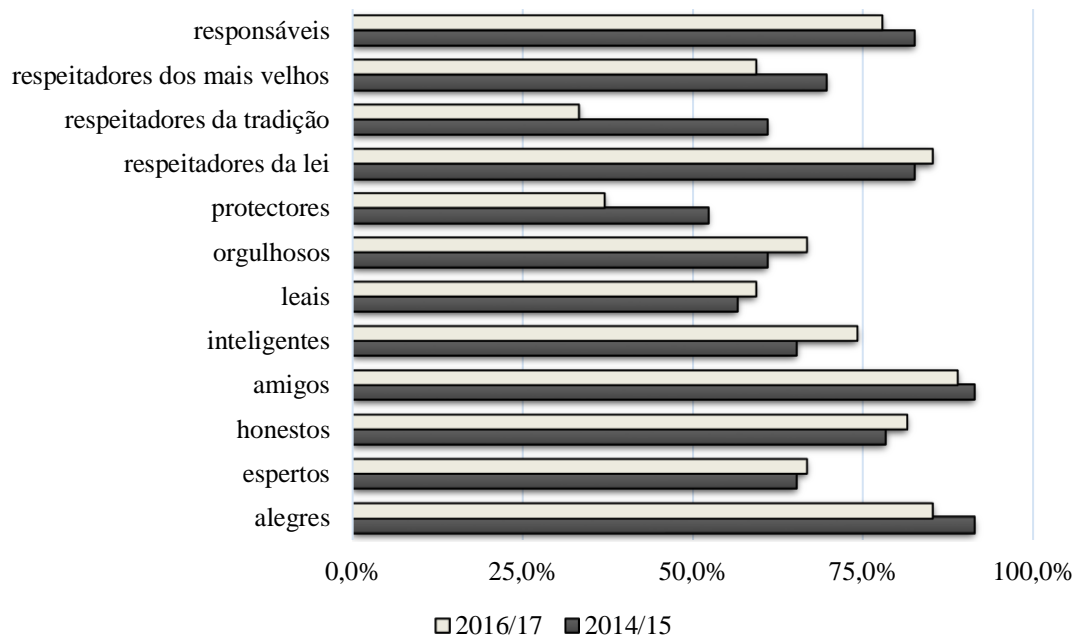
Figura 2- Atribuições negativas aos alunos ciganos pelos seus colegas não ciganos nos dois anos letivos



Atribuições dos alunos ciganos relativamente aos seus colegas não ciganos

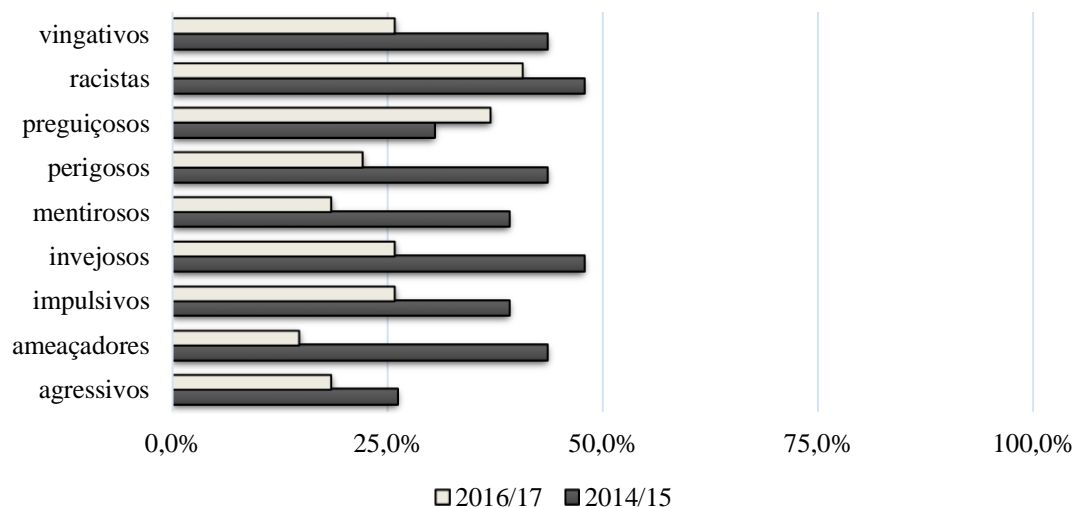
Relativamente aos alunos não ciganos, em 2014/15 os alunos ciganos atribuíam-lhes com mais frequência as características positivas *Alegres*, *Amigos* (ambos com 91,3%), *Respeitadores da Lei* e *Responsáveis* (ambos com 82,6%). Dois anos depois a situação era bastante idêntica, com predomínio dos atributos *Amigos* (88,9%), *Alegres* (85,2%) e *Respeitadores da Lei* (85,2%) (cf. Figura 3).

Figura 3- Atribuições positivas aos alunos não ciganos pelos seus colegas ciganos nos dois anos letivos



Relativamente às características negativas (cf. Figura 4), predominavam os atributos *Invejosos* e *Racistas* (com 47,8%) e *Vingativos*, *Perigosos* e *Ameaçadores* com 43,5%. Dois anos depois a taxa de atributos negativos desceu, mantendo-se em evidência os epítetos *Racistas* (40,7%) e *Preguiçosos* (37%).

Figura 4- Atribuições negativas aos alunos não ciganos pelos seus colegas ciganos nos dois anos letivos



Não deixa de ser significativo o facto de os alunos ciganos caracterizarem os seus colegas de forma mais positiva do que o que acontece inversamente. Mais de 90% dos alunos de etnia cigana considera os colegas não ciganos amigos e alegres, revelando uma imagem muito positiva dos seus pares. Por outro lado, conforme o apresentado, a percentagem de alunos não ciganos que considera os colegas ciganos vingativos, ameaçadores e agressivos ultrapassa os 80% dos inquiridos. Parece existir, por parte dos alunos que fazem parte da sociedade maioritária, um nível maior de preconceitos interétnicos em relação aos alunos ciganos, um olhar enviesado pela visão negativa sedimentada das representações sociais dos elementos desta etnia. É, contudo, interessante verificar uma melhoria na imagem dos dois grupos após dois anos de trabalho, com uma diminuição das características negativas atribuídas aos colegas do outro grupo cultural. Salienta-se, de forma particular, a mudança ocorrida nos alunos da sociedade maioritária, com um aumento bastante significativo de referências positivas relativamente aos seus colegas ciganos.

Com o objetivo de perceber a dimensão das mudanças ocorridas, foram agregadas as atribuições negativas e as positivas num só indicador, calculando-se os valores médios de atribuições para cada grupo em cada ano letivo (cf. Tabela 3). Assim, verifica-se um aumento das atribuições positivas (de 21,22% para 31,76%) e uma diminuição da taxa de atribuição das características negativas (de 62,66% para 52,07%) dos alunos não ciganos relativamente aos ciganos. Se tivermos em conta os alunos de etnia cigana, percebe-se um movimento diferente relativamente aos seus pares não ciganos: a média de atribuições positivas desce de 71,38% para 67,9% mas as negativas também descem (de 40,1% para 25,51%). As variações nas heterorrepresentações têm significado estatístico ($p < .001$) apenas no grupo dos alunos não ciganos. Neste grupo, ao considerarmos a média das atribuições relativamente aos colegas ciganos verificamos que a variação ocorrida nos resultados nos dois momentos de avaliação assume significado estatístico, com um aumento em 2016/17 das atribuições positivas, $t(308) = -5.013$, $p < .001$. e uma diminuição das atribuições negativas, $t(307) = 3.263$, $p = .001$. Ou seja, nos alunos da sociedade maioritária registam-se de forma estatisticamente significativa mudanças na perceção dos seus colegas ciganos: no segundo ano do estudo atribuem-lhes mais características positivas e menos negativas. Esta alteração na imagem relativa aos colegas ciganos por parte dos alunos da sociedade maioritária parece-nos relevante e indicadora de uma mudança que pode ser considerada positiva.

Tabela 3- Valores médios das frequências de atribuições positivas e negativas de cada grupo de alunos por ano letivo

	2014/2015		2016/2017	
	Grupo de alunos não ciganos	Grupo de alunos ciganos	Grupo de alunos não ciganos	Grupo de alunos ciganos
Atribuições positivas aos alunos de etnia cigana	21,22%	69,57%	31,76%	83,02%
Atribuições negativas aos alunos de etnia cigana	62,66%	40,10%	52,07%	20,99%
Atribuições positivas aos alunos não ciganos	64,49%	71,38%	62,74%	67,90%
Atribuições negativas aos alunos não ciganos	16,28%	40,10%	22,14%	25,51%

O maior conhecimento dos seus pares, bem como da história e da cultura ciganas, a aproximação entre os grupos decorrente das atividades em contexto escolar parece levar os alunos não ciganos a desconstruírem algumas das crenças pessoais, que são, inevitavelmente, também construções sociais. Desta aproximação parece resultar uma maior consciência da individualidade de cada colega, o que leva a uma diminuição de generalizações estereotipadas e abusivas, ou seja, menos orientadas pelas representações sociais. De facto, quando solicitados a completar a frase “Os alunos ciganos da nossa escola são...”, o número de atributos com valor negativo referido nos dois momentos é superior ao número de atributos com valoração positiva (em 2015, 72,3% e 27,7%; em 2017, 63,3% e 36,7%), apesar de se registar uma evolução positiva. Os alunos não ciganos afirmam que há alunos ciganos que apresentam determinadas características negativas, sendo as mais apresentadas pela globalidade dos alunos, nos dois momentos, “agressivos” (28,9% das ocorrências no primeiro momento e 13,2% no segundo momento), “ameaçadores” (15,2% das ocorrências no primeiro momento e 11,5% no segundo momento), “mal-educados” (11,4% das ocorrências no primeiro momento e 8,5% no segundo momento), “perigosos” (8,5% das ocorrências nos dois momentos), mas outros apresentam outras características, registando-se com mais frequência os atributos “alguns amigos” e “simpáticos” no primeiro momento (48,1% e 15,8% do total de ocorrências positivas, respetivamente), e “amigos” no segundo

momento (35,6% do total de ocorrências). Apesar de residuais, estas valorações positivas assumem, no nosso entender, um significado muito particular e testemunham a aproximação entre os alunos.

Convívio na escola e orientações da família

No que diz respeito às relações interpessoais, de forma particular às interações em ambiente de recreio, em 2014/15 a maioria (54,1%) dos alunos não ciganos referia conviver apenas com alunos não ciganos, e vários outros (43%) referiam conviver com ciganos e não ciganos. Em contrapartida, a quase totalidade dos alunos ciganos referia conviver com os colegas ciganos e não ciganos (91,3%). Somente um aluno cigano (4,3%) referiu conviver apenas com os colegas não ciganos e outro aluno referia conviver unicamente com ciganos.

Em 2016/17, metade de alunos não ciganos referia conviver com ciganos e não ciganos e a taxa que referia conviver apenas com colegas não ciganos baixou quase 10% (passou para 46,4%). No caso dos alunos ciganos, a situação manteve-se: 92,6% referia conviver com colegas ciganos e não ciganos e apenas dois alunos (7,4%) diziam conviver apenas com colegas ciganos.

É pertinente realçar que, neste contexto, apesar do crescente convívio entre alunos ciganos e não ciganos, continua a registar-se no segundo momento uma elevada percentagem de alunos que afirma não conviver com os alunos desta minoria étnica.

As razões apontadas pelos alunos que referem que não convivem ou evitam conviver com os alunos ciganos, prendem-se com o facto de os considerarem agressivos e ameaçadores e potenciadores de problemas. É sobretudo o medo das eventuais agressões, dos conflitos e do perigo que a eles associam que parece condicionar a aproximação destes alunos aos seus pares da minoria étnica. Com efeito, parece ser o desconhecimento do Outro e as representações cristalizadas que impedem alguns dos alunos de se aproximarem dos seus colegas.

No entanto, parece existir nestes alunos um movimento de mudança. Refira-se que, quando questionados sobre o que gostam menos na escola, trinta e quatro alunos não ciganos, no primeiro momento de recolha de dados, apontaram “os alunos ciganos”; em maio de 2017, apenas seis alunos apontam o mesmo fator. Do mesmo modo, em 2015, quando solicitados a sugerir alterações para o funcionamento da escola, trinta e um alunos afirmam que “expulsava os alunos ciganos da escola” ou “a escola não deveria ter alunos ciganos”. Em maio de 2017, apenas cinco alunos apontam esta medida.

Relativamente àquilo que os pais dizem para os alunos fazerem nos intervalos, em 2014/15, quase metade dos alunos não ciganos (42,2%) indica que os pais lhes dizem para se afastarem dos colegas ciganos e apenas 13,9% dizem para conviver com todos. A mesma questão é respondida de forma bastante diferentes pelos alunos ciganos: 77,3% dos pais dizem-lhes para conviverem com todos os colegas e nenhum lhes diz para se afastarem dos colegas não ciganos. Parece existir, por parte da comunidade cigana, uma maior abertura e disponibilidade para o convívio entre culturas, contrariamente ao que parece acontecer com a comunidade maioritária.

Em 2016/17, a situação não é muito diferente em ambos os grupos: 43,7% dos alunos não ciganos indicam que os pais lhes dizem para se afastarem dos colegas ciganos e 21,5% dizem para conviver com todos os alunos. Nos alunos ciganos, mantém-se a ausência de indicação por parte dos pais para evitarem os colegas não ciganos e 53,8% dizem para conviver com todos.

Esta visão das famílias é também observável no modo como os alunos respondem à questão aberta “A minha família diz que os ciganos são...”. O número de atributos com valor negativo referido nos dois momentos é superior ao número de atributos com valoração positiva (em 2015, 78% e 22%; em 2017, 66,8% e 33,2%), pese embora se tenha verificado uma evolução positiva. Dos atributos negativos referidos pelos alunos não ciganos, os que registam maior frequência são os seguintes: “perigosos” (23,9% das ocorrências no primeiro momento e 23% no segundo momento), “maus” (11,4% das ocorrências no primeiro momento e 6,3% no segundo momento) e “agressivos” (9,8% das ocorrências no primeiro momento e 9,3% no segundo momento). No que diz respeito aos atributos com valoração positiva, alguns dos alunos inquiridos afirmam que a família lhe diz que “os ciganos são pessoas como as outras” (40,4% das ocorrências positivas no primeiro momento e 59,4% no segundo momento).

É pertinente referir que, apesar da evolução verificada, as famílias da sociedade maioritária parecem continuar a ser responsáveis pela manutenção de preconceitos e atitudes ciganofóbicas. Na verdade, parecem assumir aqui um papel importante na promoção do afastamento dos seus educandos dos colegas ciganos, expressando e refletindo a rejeição generalizada em relação aos ciganos e reproduzindo a representação hegemónica do “ser cigano”. Como reforçam Silva e Silva (2011), é preconceituoso e ilegítimo, a partir da constatação de certos casos, generalizar ou justificar comportamentos discriminatórios contra toda a comunidade cigana.

Podemos entender, neste contexto, que a integração na sociedade portuguesa dos cidadãos ciganos encontra alguns constrangimentos na sociedade maioritária, sendo esta, em parte, responsável pela produção e reprodução de estereótipos e pela construção de muros que impedem o conhecimento e o encontro entre culturas. Importa então dirigir a atenção também para as famílias, pois em oposição àquilo que acontece com os seus filhos, em que a participação em atividades na escola e o convívio com pares de outras culturas favorece a mudança de atitudes, aquelas parecem cristalizadas na veiculação de atitudes, preconceitos e generalizações culturais abusivas e lesivas da integração social deste grupo minoritário.

Quando inquiridos sobre se já tiveram alguma experiência negativa com um colega cigano ou não cigano, em 2014/15, 34,9% dos alunos não ciganos e 26,1% dos alunos ciganos referiam ter tido problemas com colegas de outra etnia/comunidade e a maioria indicavam ter comunicado o sucedido a alguém (64,4% e 83,3%, respetivamente). Dois anos depois, a taxa de alunos não ciganos que referia ter tido problemas com colegas ciganos diminuiu ligeiramente (31,9%), tal como a taxa de alunos ciganos a afirmar ter tido algum conflito com alunos não ciganos (18,5%). Também aqui a maioria dos alunos relatou o sucedido a alguém, embora com variações: os alunos não ciganos reportaram mais vezes o caso (73,8%) do que os alunos ciganos (60%).

No que se refere a serem vítimas ou testemunharem situações de discriminação de alunos ciganos na escola, no início do projeto, 28,2% dos alunos não ciganos referiam ter assistido a situações de discriminação de alunos ciganos e 13,6% dos alunos ciganos afirmavam ter sido vítimas de discriminação na escola, sobretudo causada por alunos não ciganos (56% em média nos dois grupos de alunos). Dois anos depois, as taxas diminuíram passando para 17,5% de alunos não ciganos a referir terem assistido a situações de discriminação de alunos ciganos e apenas um aluno cigano (3,8%) afirmou ter sido vítima de discriminação. Também aqui o convívio entre os alunos e um maior conhecimento intercultural parece ter alguma relação com o número de experiências negativas entre os grupos e ou ocorrência de situações de discriminação. De facto, indo para além do que os números indicam, o clima que se vivencia na escola é de uma maior tranquilidade e registam-se, de facto, muito menos ocorrências de conflito e/ou situações discriminatórias entre os alunos de etnias distintas.

Quanto ao conhecimento que cada grupo revela sobre aspetos culturais de ambas as etnias (costumes/tradições de cada comunidade), em 2014/15, 28,5% dos alunos não ciganos referiam conhecer alguns costumes/tradições dos alunos ciganos, enquanto a

grande maioria dos alunos ciganos (73,9%) respondia da mesma forma, afirmando conhecer os costumes/tradições dos alunos não ciganos. Em 2016/17, a taxa de alunos não ciganos que referia conhecer costumes/tradições dos alunos ciganos aumentou para 69,1% e a de alunos ciganos que referia conhecer os costumes dos seus pares não ciganos diminuiu um pouco (51,9%). Conclui-se que o convívio entre os alunos, bem como as atividades promovidas, tiveram um impacto positivo no conhecimento intercultural. Este conhecimento do Outro e da sua cultura e a aproximação entre os pares são facilitadores da inclusão dos alunos de etnia cigana, parecendo ter um efeito positivo na diminuição da discriminação e na compreensão de alguns comportamentos e atitudes dos alunos ciganos

Conclusões

Do exposto, é possível concluir que a implementação do projeto *Ser+ Cidadão* parece ter contribuído para o desenvolvimento de atitudes de respeito pela diferença cultural. Na verdade, o estudo realizado aponta para uma melhoria significativa nas relações de sociabilidade entre alunos ciganos e não ciganos, devido seguramente não só à promoção do conhecimento e da valorização da cultura cigana, mas também ao investimento realizado na desconstrução de preconceitos e estereótipos. A aproximação entre os alunos é essencial neste contexto, porque o convívio entre todos permite desmontar estas “visões imaginadas” (Silva et al., 2008, p. 3) que se constituem como obstáculos à inclusão dos portugueses ciganos. Quanto maior a proximidade com indivíduos ciganos, menos negativa é a perceção e a imagem que construímos (Faísca e Jesuíno, 2006).

As imagens sociais dos alunos não ciganos em relação aos alunos ciganos, cuja manutenção parece ser, em grande parte, realizada pelas famílias, sofreu alterações importantes nos dois anos letivos em estudo. Estas representações sociais são, como sublinham Silva et al. (2008, p. 3), “co-estruturantes de formas discursivas e de práticas de discriminação” ciganofóbicas e comprometem a inclusão dos alunos de etnia cigana e o seu sucesso escolar.

Como alerta o Estudo Nacional sobre as Comunidade Ciganas (Mendes, Magano e Candeias, 2014, p. 12):

Ao longo da história das sociedades são construídas barreiras sociais, estereótipos e representações sociais sobre os “outros” diferentes de “nós” que podem assumir diversas designações. Os indivíduos classificados como “o

outro” fazem, ao longo da sua vida, um percurso mais penoso para atingir os mesmos objetivos que outros indivíduos a quem não sejam imputados estereótipos nem representações sociais negativas.

Esta é uma questão crucial no contexto do estudo realizado, uma vez que o Projeto *Ser+ Cidadão* visa promover a inclusão e o sucesso dos alunos de etnia cigana, para além de investir na formação para a cidadania de todos os alunos. As redes de amizade que se criam entre alunos ciganos e não ciganos são potenciadoras de processos de inclusão, essenciais para o sucesso escolar destes alunos.

Neste contexto, a escola pode e deve constituir-se como uma importante interface cultural entre as diversas comunidades, assumir-se como espaço de pertença também das crianças ciganas e das suas famílias^{iv}, respeitando e alargando as suas expectativas e aproximando comunidades, como se preconiza na ENIIC. A escola é, efetivamente, lugar de esperança para a melhoria da convivência interétnica (Lozano, 2014), em Portugal como noutros países.

O Projeto *Ser+ Cidadão* continuará a investir na promoção do sucesso escolar dos alunos ciganos, na valorização da história e cultura ciganas e na sua divulgação para um maior conhecimento destes portugueses e o conseqüente desenvolvimento de atitudes de maior compreensão e respeito. A partir da biblioteca, continuaremos a promover a educação para uma cidadania comprometida, multicultural, como a define Banks (2008, p. 88), ou seja, como ação capaz de se constituir como um trampolim para a desejável transformação social, porque ajuda os alunos a aprender formas de agir que mudam o mundo.

Por decisão pessoal, os autores deste texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

ⁱ Utilizamos no título deste artigo a palavra *paillo* do romani (idioma utilizado pelos ciganos) que se refere àqueles que não são ciganos.

ⁱⁱ O projeto *A Escola e a Diversidade Cultural* tem como objetivos prioritários promover a inclusão social e combater o absentismo e abandono escolar da população de etnia cigana, visando também o sucesso escolar dos alunos e o aumento dos índices de escolarização dos encarregados de educação. O projeto investe, ainda, na aproximação das famílias ciganas à escola (e vice-versa) e na sensibilização para a valorização da escolarização e do prosseguimento de estudos.

ⁱⁱⁱ Sítio *web* do projeto disponível em www.sermaiscidadao.wix.com/aeidh

^{iv} Neste contexto, é importante salientar o trabalho realizado no âmbito do projeto *A Escola e a Diversidade Cultural*, que conta com diferentes parcerias, nomeadamente com a Segurança Social, a Rede Europeia Anti.-Pobreza, a Câmara Municipal de Viseu através do programa ViseuEduca, entre

outros. Com a implementação deste projeto, é já visível uma maior assiduidade por parte dos alunos ciganos, uma diminuição significativa na taxa de abandono escolar, para além de todo o investimento realizado na educação e formação de adultos de etnia cigana bem como na aproximação das famílias à escola.

Referências

- Banks, J. A. (2008). *An introduction to multicultural education* (3^a). Michigan: Allyn and Bacon.
- Bastos, J. G. (2012). A questão cigana: ciganos e ciganofobia em Portugal. In J. G. Bastos (Ed.), *Portugueses ciganos e ciganofobia em Portugal* (pp. 337–382). Lisboa: Colibri/ CEMME-CRIA.
- Costa, E. M. (1995). Os ciganos em Portugal - breve história de uma exclusão. In *O povo cigano: cidadãos na sombra* (pp. 13–20). Porto: Edições Afrontamento.
- Duarte, I., Castro, A., Afonso, J., Sousa, M., Antunes, M. S., & Lobo Antunes, M. J. (2005). *Coexistência interétnica, espaços e representações sociais: os ciganos vistos pelos outros*. Lisboa: ACIME.
- Faísca, L., & Jesuino, J. (2006). *Representações Sociais da Comunidade Cigana na Sociedade Portuguesa*. Lisboa: ACIME.
- IFLA/UNESCO. (2009). The IFLA Multicultural library manifesto: the Multicultural library – a gateway to a cultural diverse society in dialogue. Disponível em <http://www.ifla.org/publications/iflaunesco-multicultural-library-manifesto>
- Lozano, S.-M. (2014). Minoría gitana y prejuicios étnicos en le discurso y la interacción escolar. In P. C. Tirado (Ed.), *Etnografía de la escuela y la interseccionalidad*. Traficantes de Sueños.
- Marques, J. F. (2007). *Do “não racismo” português aos dois racismos portugueses* (ACIDI). Lisboa.
- Marques, J. F. (2013). O racismo contra as coletividades ciganas em Portugal. In M. M. Mendes & O. Magano (Eds.), *Ciganos Portugueses Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade em Transição* (pp. 111–122). Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Mendes, M. M. (2013). Discriminação percebida e sentida pelos ciganos da área metropolitana de Lisboa. In *Ciganos Portugueses Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade em Transição* (pp. 133–164). Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Mendes, M. M., & Magano, O. (2013). Olhares plurais e cruzados sobre os ciganos portugueses. In *Ciganos Portugueses Olhares Plurais e Novos Desafios Numa Sociedade em Transição* (Editora Mu, pp. 1–5). Lisboa.

- Mendes, M., Magano, O., & Candeias, P. (2014). *Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas*. Lisboa: ACM. Disponível em http://www.poaatfse.qren.pt/upload/docs/Documentos/estudo_ennic.pdf
- Moscovici, S. (2009). Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, 24, 653–678.
- Nicolau, L. F. (2010). Ciganos e Não ciganos em trás-os-montes: investigação de um impasse inter-étnico. Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Presidencia do Conselho de Ministros. (2013). Resolução do Conselho de Ministros n.º2/2011. *Diário Da República*, 1.ª Série - N.º 8, 1–2. https://doi.org/10.3000/17252555.L_2009.140.eng
- Silva, M. C., & Silva, S. (2011). Etnicidade, subclasse e exclusão social: uma comunidade cigana em Oleiros-Vilaverde - noroeste de Portugal. *Revista Latina de Sociologia*, 209–223.
- Silva, M. C., Sobral, J. M., & Ramos, M. (2008). Ciganos e não ciganos: imagens conflituosas em contextos de vizinhança - o bairro social da Atouguia, Guimarães. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: saberes e práticas*. Disponível em <http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/246.pdf>
- Tomé, M. da C., Carvalho, A., Sousa, J., Saraiva, D., Domingues, A., & Oliveira, M. F. (2016). O sucesso escolar dos alunos de etnia cigana: desafios emergentes. O caso dos alunos do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique. *Configurações*, 18(Ciganos e Educação), 87–104.
- UNESCO. (2002). Declaração universal sobre a diversidade cultural. *Unesco*, 1–7. Disponível em <https://doi.org/CLT.2002/WS/9>